

O PAPEL DAS HISTÓRIAS INFANTIS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM SÍNDROME DE DOWN

THE ROLE OF CHILDHOOD STORIES IN THE
DEVELOPMENT OF LANGUAGE IN CHILDREN
AND ADOLESCENTS WITH DOWN SYNDROME

Amanda Avelar Lima *amandaavelarvcba@gmail.com*

Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Bahia/Brasil).

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires *carlaghipires@hotmail.com*

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (São Paulo/Brasil).
Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Bahia/Brasil).

RESUMO

O presente estudo propõe estimular o desenvolvimento da linguagem por meio das narrativas infantis em crianças e adolescentes com Síndrome de Down (SD), além de identificar as fases do desenvolvimento do discurso narrativo em que cada indivíduo se encontra. O presente artigo tem pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva (ND), com caráter transversal e de cunho qualitativo. Os participantes foram selecionados no Laboratório de Estudos e Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN), localizado na Universidade Estadual da Bahia (UESB) em Vitória da Conquista - Bahia, sendo 4 crianças/pré-adolescentes com SD, do sexo feminino, com idade entre 8 e 12 anos. A intervenção seguiu-se com um total de 9 encontros semanais de maneira individual com cada participante, em uma sala reservada no LAPEN, com duração de 30 minutos. Em cada sessão, foram realizadas 3 etapas: contagem, atividade distratora e recontagem. O período das intervenções foi entre os meses de agosto/2016 a fevereiro/2017. Para a análise de dados, as intervenções realizadas foram filmadas, transcritas e categorizadas. A categorização do discurso narrativo foi feita utilizando as três fases do desenvolvimento propostas por Perroni (1992): Protonarrativa, Narrativa Primitiva e Narrativa. Os resultados evidenciaram que as crianças e pré-adolescentes com SD encontram-se em fases distintas do desenvolvimento do discurso narrativo, não sendo relacionado com a idade cronológica e nem com a idade de início das intervenções na linguagem. Além disso, a estimulação através de histórias infantis propiciou o desenvolvimento do discurso narrativo, que acarreta em um melhor desempenho linguístico e oportuniza o uso da linguagem para diferentes contextos.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Discurso narrativo. Linguagem.

ABSTRACT

The present study proposes to stimulate the development of language through children's narratives in children and adolescents with Down Syndrome (SD), as well as to identify the phases of the development of the narrative discourse in which each individual is. The present article has theoretical and methodological assumptions of the Discursive Neurolinguistic (ND), with transversal character and qualitative character. The participants were selected from the Laboratory of Neurolinguistic Studies and Research (LAPEN), located at the State University of Bahia (UESB) in Vitória da Conquista - Bahia, with four children / pre-adolescents with SD, female, aged 8 and 12 years. The intervention was followed by a total of 9 weekly meetings individually with each participant, in a room reserved in LAPEN, lasting 30 minutes. In each session, 3 steps were performed: counting, distracting activity and recounting. The period of the interventions was between the months of August / 2016 to February / 2017. For data analysis, the interventions were filmed, transcribed and categorized. The categorization of narrative discourse was made using the three phases of development proposed by Perroni (1992): Protonarrativa, Primitive Narrative and Narrative. The results showed that children and pre-adolescents with DS are at different stages of the development of narrative discourse, not related to the chronological age or the age of onset of speech interventions. In addition, stimulation through children's stories led to the development of narrative discourse, which leads to better linguistic performance and allows the use of language for different contexts.

Key words: Down syndrome. Narrative speech. Language.

1 INTRODUÇÃO

A alteração na dosagem gênica na Síndrome de Down (SD) é responsável por diversas alterações moleculares, estruturais e funcionais no sistema nervoso, que podem ser evidenciadas por dificuldades no funcionamento da linguagem dentre outras especificidades apresentadas nesses indivíduos. No entanto, consideramos que as alterações cerebrais não devem ser entendidas como impeditivas para seu desenvolvimento, já que existe no funcionamento do cérebro a plasticidade cerebral, compreendida como a capacidade de transformação e adaptação em resposta às exigências ambientais e internas, fazendo com que ocorra uma reorganização e uma regeneração para uma determinada dificuldade que o sujeito apresente na realização de alguma tarefa externa. Nesse sentido, enfatizamos a importância dos procedimentos de intervenção para um melhor desenvolvimento nos indivíduos com SD.

Na linguagem, a intervenção proposta é utilizar a língua em seu próprio uso. Ela como função específica da espécie humana só se constitui à medida que os seres humanos se relacionam. A linguagem está baseada no princípio dialógico e social em que as interações verbais se constituem como um dos aspectos primordiais. É um fenômeno sócio histórico, sendo uma atividade humana dinâmica, tomada como lugar de interação e interlocução de sujeitos. Dessa maneira, a perspectiva adotada na presente pesquisa fundamenta-se na perspectiva discursiva da linguagem, considerando a atividade de quem fala e as condições intersubjetivas da interação humana. Assim, é função da linguagem fornecer elementos para a expressão da individualidade, com elementos subjetivos que são entendidos e criados a partir de uma realidade social.

Diante dessas constatações e considerando a importância da linguagem no papel da apropriação histórica e cultural do desenvolvimento humano, pretendeu-se estimular a linguagem em crianças com SD através das narrativas infantis. A utilização das narrativas baseia-se no aspecto interacional, envolvendo a relação da língua com a construção de significados na interação social. Essas se tornam unidade de análise e intervenção com a apropriação da linguagem em um contexto comunicativo representativo do real.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Síndrome de Down (SD), ou trissomia do 21, foi descrita primeiramente por Down (1866), médico inglês, como uma alteração cromossômica caracterizada pela presença de um cromossomo extra ligado ao par 21, sendo a principal causa de deficiência intelectual. Estima-se que a incidência da SD, na maioria dos países, é de 1:800/1000 nascidos vivos e a prevalência é de 1:2000/3000 pessoas. O aumento da idade materna é um fator importante neste processo, elevando o risco de má formação do bebê. A SD

apresenta um fenótipo com expressividade variada, com alterações físicas, linguísticas e cognitivas que interferem no desenvolvimento global, sobretudo, na linguagem e na comunicação dos indivíduos que apresentam a trissomia (SCHWARTZMAN, 2003).

O sistema nervoso do indivíduo com SD apresenta especificidades moleculares, estruturais e funcionais que acarretam menor eficiência dos processos cognitivos. Em nível molecular, existem deficiências nas ramificações dendríticas, diminuição dos neurônios responsáveis pela conduta associativa e pela comunicação nas áreas cerebrais (TRONCOSO; CERRO, 1999). No aspecto estrutural, tamanho encefálico geralmente 3% inferior, quando comparado aos dados padronizados referentes a crianças normais (KOZMA, 2007); redução volumétrica das áreas frontais e cerebelares (TRONCOSO; CERRO, 1999), com redução no lóbulo temporal em até 50% dos casos (SILVA; KLEINHANS, 2006), e diminuição do corpo caloso e do hipocampo nos dois hemisférios (PINTER, 2001). No aspecto funcional, os indivíduos com SD apresentam deficiência intelectual e com consequentes perdas no desenvolvimento global.

Essas alterações no sistema nervoso do sujeito com SD afetam a instalação e as consolidações das conexões de redes nervosas no aspecto de formação estrutural e funcional do cérebro. Dessa maneira, os indivíduos com SD apresentam dificuldades para estabelecerem os mecanismos da atenção, memória, linguagem, raciocínio, velocidade de processamento e pensamento lógico, ou seja, as funções mentais superiores, segundo Luria (1981), específicas do gênero humano.

De acordo com Cunningham (2008), a área da linguagem é a área na qual exhibe maior atraso. A dificuldade na aquisição e no desenvolvimento da linguagem poderá envolver aspectos tanto motores, como imprecisão articulatória devido à hipotonia e à frouxidão nos ligamentos, quanto cognitivos, como memória, abstração e o próprio funcionamento da linguagem (GHIRELLO-PIRES, 2010).

Apesar disso, nos indivíduos com Down, o desenvolvimento das funções cognitivas caracteriza-se por uma grande variabilidade, ou seja, não há um padrão único entre os indivíduos com SD, pois, além da alteração cromossômica, existem as importantes influências do meio (RODRIGUES; ALCHIERI, 2009). Dessa forma, a perspectiva adotada nesse estudo é considerar que o sujeito com SD está além de uma condição patológica fixa, uma vez que o déficit já não se apresenta como uma categoria com perfil clínico estável. Assim, a aprendizagem (re)modela constantemente a estrutura cerebral dos indivíduos, em outras palavras, o cérebro não é uma estrutura rígida e imutável, mas sim flexível, que modifica sua estrutura funcional sob diferentes circunstâncias ambientais e interacionais. Esse fenômeno de reorganização e de regeneração cerebral em resposta às alterações situacionais e interacionais é denominado como plasticidade neural ou neuroplasticidade, que também acontece como estrutura organizacional intrínseca do cérebro (MUSZKAT; CARDOSO, 2016).

Camargo (1994), em seu estudo, aborda que indivíduos com SD, apesar de apresentarem dificuldades, não estão impedidos de alcançarem seus objetivos, embora possam levar um tempo maior e percorrerem caminhos diferentes. Dessa forma, conforme Vygotsky (2010), o modo de funcionamento do cérebro é moldado ao longo da história da espécie (base filogênica) e do desenvolvimento individual (base ontogênica), como produto da interação com o meio físico e social (base sociogênica). Para o referido autor, o indivíduo apresenta a constituição neurobiológica do funcionamento cerebral que interage com os mecanismos sociais e culturais. Esse processo de integração se dá pela apropriação da experiência histórica e cultural, sendo mediado pela linguagem.

Diante da importância de romper com as dificuldades de linguagem nos indivíduos com SD, neste estudo, usamos o aparato teórico da Neurolinguística Discursiva (ND), com o objetivo de enfatizar a importância das relações que se estabelecem entre sujeitos falantes de uma língua, considerando a heterogeneidade dos indivíduos e da linguagem. A ND estuda as relações entre cérebro e linguagem na vida em sociedade, pressupondo uma variação funcional do cérebro denominada pela contextualização histórica dos processos linguísticos-cognitivos (VYGOTSKY, 1984, 1987; LURIA, 1979; COUDRY; MORATO, 1988, 1990). Dessa forma, no processo interventivo de desenvolvimento da linguagem, utilizamos atividades contextualizadas ao meio de vida de cada indivíduo, respeitando as singularidades e as potencialidades dos sujeitos envolvidos.

Assim sendo, as narrativas infantis constituem um meio de apropriação da linguagem dentro de um ambiente de comunicação criado a partir de experiências passadas e culturais dos seres humanos. Segundo Perroni (1992), contar uma história é um dos muitos usos da língua em nossa cultura. A produção do texto narrativo como tal exige descontração do contexto original da história, capacidade de compreender e expressar sucessão e concatenação de eventos, relação casual entre eventos e uma possível gramática do texto (SCARPA, 2001).

O processo de aquisição do discurso narrativo é longo e não acontece antes dos 5 anos de idade, período em que a criança se torna uma narradora proficiente (SCARPA, 2001). A perspectiva processual das narrativas, adotada por Perroni (1992), permite perceber que as produções linguísticas das crianças vão apresentando modificações, a partir da apropriação de recursos realizados pelas crianças, o que as tornam mais independentes de seus interlocutores adultos. Segundo a autora, as crianças ampliam seu papel no discurso narrativo à medida que passam pelas seguintes fases distintas: a fase da protonarrativa, a fase da narrativa primitiva e a fase da narrativa. A fase protonarrativa tem seu caráter embrionário e ainda não se constitui uma narrativa, porém evidencia a natureza dialógica. A fase primitiva se desenvolve após os três anos de idade, quando a criança vai apresentar formas distintas de narrar, identificadas

como *histórias* com o enredo fixo e marcos linguísticos (“Era uma vez ...”; “... daí ...”; “... e daí ...”; “Então ... ; “... depois...” e “ ... felizes para sempre”), *relatos* em que a criança recupera linguisticamente experiências pessoais vivenciadas por ela em momentos anteriores da enunciação e *casos* em que a criança, em sua narração das histórias, apresenta colagem do discurso narrativo do outro, combinações livres com construções criativas para preencher os espaços gramaticais.

Nesse sentido, Camargo (1994) notou que crianças com SD têm atrasos no desempenho narrativo, porém utilizam os mesmos mecanismos das crianças neurotípicas. O atraso com relação ao desenvolvimento do discurso narrativo nessas crianças com SD se deve ao fato de elas exibirem, no discurso, falta de decentração (afastamento do aqui/agora), dificuldade de transpor eventos passados ou ficcionais por meio do uso da linguagem e dependência completa (e ecológica) da fala do interlocutor.

Sendo assim, a partir do exposto, esta pesquisa pretende estimular o desenvolvimento da linguagem por meio das narrativas infantis em crianças e adolescentes com Síndrome de Down (SD), além de identificar as fases do desenvolvimento do discurso narrativo em que cada indivíduo se encontra.

3 MÉTODO

Considerando os objetivos propostos, o enfoque metodológico utilizado na pesquisa foi do tipo qualitativo de caráter transversal. A abordagem qualitativa, segundo Godoy (1995), possui características que a diferem de outras abordagens, como por exemplo: 1- o ambiente é tido como fonte direta de dados e o pesquisador instrumento fundamental; 2- caráter descritivo; 3- é uma preocupação do investigador o significado que as pessoas dão aos fenômenos sociais; e 4 – o enfoque é indutivo.

Diante disso, os critérios para inclusão dos sujeitos foram: 1º) não apresentar comprometimento auditivo, comprovado por Emissões otoacústicas e Bera; 2º) apresentar trissomia no par cromossômico 21 e inteligência com percentil maior que 5%, avaliado pelo Teste de Matrizes Progressivas de Raven (ANGELINI, et al. 1999). O objetivo de avaliar a inteligência foi estabelecer com que a amostra da pesquisa não apresentasse grande disparidade e um comprometimento grave da inteligência que poderia prejudicar a análise da intervenção. Além disso, ser acompanhado no grupo de pesquisa “Fala Down”, que faz parte do Laboratório de Pesquisa Neurolinguística (LAPEN), localizado no campus da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na cidade de Vitória da Conquista – Bahia.

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UESB (CAAE 29933144.7000.0055), seguindo as exigências estabelecidas pelo Ministério da Saúde sobre a ética em pesquisa com seres humanos, resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196/96. O manejo ético considerou os seguintes passos: os pais foram informados sobre a possibilidade de desistir da participação

sem nenhum prejuízo para eles ou para a criança; foi assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos Pais e foi esclarecido que não haveria nenhum ganho financeiro com a participação; assim, o processo interventivo foi realizado em um ambiente reservado no LAPEN para garantir o sigilo das informações.

A pesquisa foi realizada com quatro crianças e adolescentes (AR, SB, CP e LR), sendo todas do sexo feminino. AR apresenta 8 anos de idade, matriculada em ensino regular na rede privada, a escolaridade dos pais é superior completo e obteve estimulação precoce para a aquisição e desenvolvimento da linguagem desde os 2 anos de idade. SB possui 8 anos de idade, matriculada no ensino regular da rede pública, a escolaridade dos pais é ensino médio completo, obteve estimulação precoce desde os 2 anos de idade e exibe um comprometimento visual, alto grau de miopia, que foi corrigido. CP apresenta 12 anos de idade, matriculada em ensino regular na rede privada, a escolaridade dos pais é superior completo, obteve estimulação precoce para o desenvolvimento da linguagem desde os 11 meses de idade e exibe comprometimentos articulatórios com apagamentos e repetição de segmentos. LR possui 12 anos de idade, matriculada em ensino regular na rede privada, a escolaridade dos pais é superior completo e obteve estimulação precoce desde 1 ano e 9 meses de idade para o desenvolvimento da linguagem.

A intervenção seguiu com encontros semanais de maneira individual, em uma sala reservada no LAPEN, com duração de 30 minutos. Foram realizados um total de 9 encontros com cada criança. O período das intervenções foi entre os meses de agosto/2016 a fevereiro/2017. Em cada sessão, foram realizadas 3 etapas: contagem, atividade distratora e recontagem. A primeira etapa consistia na contagem de uma história infantil (Peter Pan, Bela e a Fera, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho etc.), de preferência das crianças/adolescentes. Uma vez utilizada a história na intervenção, ela não poderia ser novamente escolhida. Na segunda etapa, foi feita uma atividade distratora durante 5 minutos. Essas atividades consistiam no desvio da atenção da criança/adolescente para outras atividades, como jogos de memória, quebra-cabeças, brincadeiras de encaixe etc. Na terceira etapa da intervenção, a recordação dos elementos da narrativa, como os personagens, o contexto, os eventos e o enredo da narrativa eram recontados pela criança/adolescente. No momento da recontagem, o pesquisador intervinha quando a criança apresentava dificuldades em recontar os elementos da narrativa. Essas intervenções eram realizadas com inserção de pistas para recordar a história ou organizar o encadeamento lógico da mesma. A todo momento, durante a recontagem, o pesquisador reforçou socialmente (elogios, sorrisos) o comportamento de recontar a história.

Para a análise de dados, as intervenções realizadas foram filmadas, transcritas e categorizadas. A categorização do discurso narrativo foi feita utilizando as três fases do desenvolvimento propostas

por Perroni (1992): Protonarrativa, Narrativa Primitiva e Narrativa. A transcrição foi realizada seguindo a adaptação da tabela proposta pelo Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) de que constam quatro colunas: sigla dos integrantes das situações; transcrição; observações sobre as condições de produção do enunciado; e gestos/expressões faciais que se utiliza para apresentação e análise das situações, eventos e repertórios comunicativos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O objetivo do estudo foi auxiliar a estimular o desempenho linguístico de crianças/adolescentes com SD, através da recontagem das narrativas infantis, e identificar as fases do desenvolvimento do discurso narrativo em que cada indivíduo se encontra. Inicialmente, foram descritas as características dos participantes no processo de desenvolvimento do discurso narrativo. Posteriormente, foi analisada a eficácia do processo interventivo por meio das narrativas infantis.

Dessa maneira, na Tabela 1, são apresentadas as características de cada participante, como idade atual, idade de início das intervenções na linguagem, a escolaridade dos pais e a fase do discurso narrativo em que cada um se encontra:

Tabela 1 - Apresentação do contexto social e fases do discurso narrativo

	Idade atual	Idade de início das intervenções na linguagem	Escolaridade dos pais	Fases do discurso narrativo
SB	8 anos	2 anos	médio	Narrativa Primitiva
CP	12 anos	11 meses	superior	Narrativa Primitiva
LR	12 anos	1 ano e 9 meses	superior	Narrativa
AR	8 anos	2 anos	superior	Narrativa

* Participantes da pesquisa (CP, SB, AR, RL)

Fonte: elaborado pelos autores

Através da exposição da Tabela 1, é possível perceber que SB e CP ainda se encontram na fase da Narrativa Primitiva, diferentemente de LR e AR que ocupam a fase da Narrativa. Compreende-se que a idade atual das participantes, o início das intervenções na linguagem e a escolaridade dos pais parecem ter uma influência menor no desempenho narrativo. Outro dado a ser observado é a variabilidade no desempenho linguístico que cada participante apresenta, não sendo relacionada com a idade cronológica e nem com a idade de início das intervenções na linguagem.

Dentre as participantes da pesquisa, CP obteve estimulação da linguagem mais precocemente, e ainda apresenta comprometimentos articulatórios, como estereotipia oral (sugar/estalar a língua), apagamentos e repetição de segmentos. A estereotipia vocal se caracteriza como um som vocal repetitivo, ritmado e desprovido de finalidade, sendo que seu surgimento está frequentemente relacionado ao mau funcionamento do sistema de controle de conduta, impulsos e motivações no desempenho de algum movimento ou vocalização (HOFFMANN, 1996). Assim, consideramos que a estereotipia vocal exibida por CP acarreta uma dificuldade na expansão da fala e pode comprometer o desempenho do discurso narrativo.

De acordo com Camargo (1994), a fase Narrativa Primitiva é superada em crianças neurotípicas com menor idade se comparada às crianças com SD. Como apresentado na Tabela 1, os indivíduos com SD são mais lentos na aquisição do discurso narrativo e desenvolvem a habilidade de narrar em idade cronológica posterior. Assim, os indivíduos com SD apresentam um atraso na tarefa de narrar uma história, o que pode estar associado à dificuldade na linguagem.

A partir da análise, podemos observar que CP e SB exibiram comprometimento no processo narrativo e ainda se encontram na fase da Narrativa Primitiva. As participantes conseguem recordar elementos da narrativa histórica, como personagens, contexto e alguns eventos, porém não atingem um discurso com encadeamento lógico dos eventos, acarretando prejuízos na compreensão do enredo da história. O Quadro 1 exibe trecho da transcrição da recontagem da história "A Bela e a Fera" e as intervenções realizadas pelo pesquisador (la):

Quadro 1 - CP faz a recontagem da história "A Bela e a Fera"

Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observação sobre os processos de significações não verbais
1	la	- Vamos lembrar a história da Bela e a Fera?	Aponta para o livro
2	CP	- Era uma vez...	
3	la	- Era uma vez, quem?	Aponta para a ilustração da história
4	CP	- Bela e Fera.	
5	la	- Era uma vez uma menina que se chamava quem?	Aponta para a ilustração da história
6	CP		Risos
		- Bela	

Fonte: elaborado pelos autores

Percebe-se, a partir da transcrição exposta no Quadro 1, que, nas linhas 3 e 5, CP exibe em seu discurso o marcador linguístico "Era uma vez...", próprio da fase da Narrativa Primitiva. O marcador linguístico empregado por CP é um elemento de convenção de abertura própria de uma história, é expresso no tempo passado e contém conjuntura fictícia. Dessa forma, Perroni (1992) cita o estudo de Applebee (1978), evidenciando que nas narrativas há um uso consistente de tempo passado, a aceitação de personagens e eventos fictícios e a possibilidade de incorporar certos tipos de personagens e situações convencionais. O último elemento é que caracteriza a importância das histórias infantis como um instrumento de auxílio para estimulação cognitiva, uma vez que as narrativas infantis recriam a comunicação existente no meio social. Através da situação trazida pela história, são abordados os seguintes aspectos: a língua, o enredo, as relações sociais, os valores culturais e o simbolismo que remete à afetividade. Dito de outra forma, o discurso narrativo estimula conjuntamente a habilidade verbal, a cognição e os aspectos das relações socioculturais.

Uma outra característica importante do processo de apropriação do discurso narrativo é a interação existente entre o locutor e o interlocutor. A relação dialógica existente entre locutor/interlocutor com

a reversibilidade de papéis auxilia no processo de internalização e organização dos conhecimentos adquiridos nas histórias infantis. A criança, inicialmente, ainda não domina o discurso narrativo, porém, com a construção conjunta do interlocutor para construção de textos, ela incorpora o jogo narrativo. Segundo Perroni (1992), as perguntas que o interlocutor faz ajudam na construção processual da narrativa, e é através dessa interação que a criança lembra, sob a forma de discurso, o que ela pretende contar. Dessa forma, pode-se conjecturar que o adulto tem papel ativo nesta fase inicial, dirigindo às crianças perguntas cuja função é auxiliar no desempenho do discurso narrativo. Assim sendo, a criança vai se apropriando de recursos que a tornam mais independente de seu interlocutor adulto.

O comprometimento no sistema nervoso dos indivíduos com SD explica as dificuldades no processamento cognitivo das informações contidas em uma narrativa infantil. As alterações moleculares, estruturais e funcionais do sistema nervoso acarretam dificuldades cognitivas que interferem no processo de desenvolvimento do discurso narrativo. Flórez e Troncoso (1997) destacam, de maneira particular, a influência que as alterações do sistema nervoso dos sujeitos com SD podem exercer sobre o desenvolvimento inicial nos circuitos cerebrais, afetando a instalação e as consolidações das conexões de redes nervosas necessárias para estabelecer os mecanismos da atenção, memória, percepção, raciocínio, velocidade de processamento e pensamento lógico. Além do impedimento cognitivo, os indivíduos com SD exibem alterações físicas, como processamento auditivo e hipotonia, que acometem dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Todavia, Ghirello-Pires (2012) considera que esses fatores não são impeditivos para que os sujeitos com SD realizem o processo de aquisição e apresentem significativa funcionalidade com a linguagem.

Na exposição da Tabela 1, pode-se perceber que RL e AR apresentam a habilidade de narrar uma história e se encontram na fase da Narrativa. Dessa maneira, no Quadro 2, é apresentada a transcrição da recontagem da história "Peter Pan", realizada por RL, que exhibe a produção oral e comportamentos emitidos por ela.

Quadro 2 - RL faz a recontagem da história "Peter Pan"

Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observação sobre os processos de significações não verbais
1	la	- Vamos lembrar a história do Peter Pan?	Aponta para o livro da história
2	RL	- Eu sei	
3	la	- Como é a história?	Aponta para a ilustração da história
4	RL	- Eu sei.	
5	la	- Eu queria ouvir a história.	
6	RL	- Pera que vou contar.	
7	la	- Então, me conte.	
8	RL	- Era uma vez, um menino que morava junto com a fada Sininho na Terra do Nunca.	
9	la	- Hum, que legal!	
10	RL	- Uma vez, Peter Pan estava passeando, aí apaixonou pela uma menina linda que tinha uma voz doce, aí ela usava um vestido lindo rosa com florezinhas.	Pega em seu vestido.

Fonte: elaborado pelos autores

A partir do episódio exposto, percebe-se que RL apresenta uma resistência no processo de interação com o pesquisador no momento da recontagem da história. Nas linhas 2, 4 e 6, RL diz para o interlocutor que sabe contar a história, porém há uma resistência em iniciar a recontagem. O papel do pesquisador foi provocar a evocação da fala de RL, mesmo com sua rejeição ao narrar, dando maior autonomia e auxiliando-a no processo de desenvolvimento do discurso narrativo.

No entanto, RL já empreende o narrar uma história com uma estruturação lógica de acontecimentos. A partir do encadeamento lógico dos eventos da narrativa, RL consegue compreender elementos abstratos sem necessariamente pensar a partir do concreto. Vygotsky (2010) afirma que o processo de internalização envolve uma atividade externa que se modifica e torna-se uma atividade interna, ou seja, de um elemento interpessoal passa-se para um elemento de cunho intrapessoal. Para o autor, a internalização é fundamental para o desenvolvimento do pensamento humano. Beyer (2003) afirma que, para Vygotsky, a partir do momento que a criança tem acesso aos significados culturais, ela passa a ser capaz de construir estruturas mentais complexas, deixando de ser um ser biológico para ser um ser cultural. O indivíduo só consegue internalizar à medida que codifica e armazena os elementos do ambiente externo que podem ser demonstrados nas narrativas infantis.

Outra característica importante no discurso narrativo de RL é a emissão da progressão sequencial “aí” como elemento de relação entre os eventos da história, proporcionando o encadeamento lógico do enredo da narrativa. Para o interlocutor, há uma compreensão do enredo lógico da narrativa, os personagens são colocados em ação dentro de um contexto e exercendo uma relação mútua. A expansão do vocabulário parece possibilitar a expansão do pensamento de RL, uma vez que esta consegue compreender elementos da história e generalizar para o contexto cotidiano. Na linha 10, RL associa que o personagem “Peter Pan” está apaixonado pela menina que tem as mesmas características que ela, sendo linda e vestindo as mesmas roupas. Dessa forma, RL generaliza o conhecimento uma vez adquirido para outra história, conseguindo abstrair e construir a própria linguagem.

Vygotsky (1987) salienta que a função generalizante e a possibilidade de abstração da linguagem são as funções que conferem ao sujeito a possibilidade de evoluir, permitindo que os processos cognitivos se organizem e a linguagem se torne racional. Desta forma, a criança, a partir do uso da linguagem, organiza seu pensamento e verifica sua eficácia, conferindo-lhe maior efetividade. Ainda segundo o autor russo, a partir do momento que uma criança consegue generalizar e abstrair, ela consegue expandir o uso da linguagem para diferentes contextos, uma vez que passa a expressar seu pensamento por meio do uso da linguagem. A intervenção desenvolvida através da própria língua, em seu contexto criado, como nas narrativas infantis, possibilitou o desenvolvimento da linguagem.

No Quadro 3, apresenta-se a transcrição da recontagem da história “A Branca de Neve” realizada por SB:

Quadro 3 - SB faz a recontagem da história "A Branca de Neve"

Número	Sigla do Locutor	Transcrição	Observação sobre os processos de significações não verbais
1	la	- Vamos lembrar a história da Branca de Neve?	Aponta para o livro da história.
2	SB	- Era uma vez ... linda mulher ... pele bem carinha...aí... neve.	Toca em sua pele.
3	la	- Como ela se chamava?	
4	SB	- Banca de neve	
5	la	- Hum, continue!	
6	SB	- Aí a rainha... ciúmes... depois manda matar banca de neve... depois... encontra sete anões.	
7	la	- Onde a branca de neve encontrou os sete anões?	Aponta para ilustração.
8	SB	- floresta.	

Fonte: elaborado pelos autores

É possível observar que SB consegue expandir a sua habilidade de narrar, com a presença dos marcadores linguísticos, maior número de palavras e o encadeamento lógico da história. Nas linhas 2 e 6, além da presença do marcador de início da narração "Era uma vez", tem-se os operadores "aí" e "depois" que estabelecem relação entre os eventos da história. Com a presença desses marcadores linguísticos próprios de um discurso narrativo, SB consegue expandir seu vocabulário linguístico, proporcionando encadeamento lógico dos fatos ocorridos na história. Mesmo que SB ainda apresente espaços no discurso narrativo, o interlocutor consegue compreender o enredo da narrativa.

O processo de fluência oral em uma narrativa requer que o indivíduo apresente uma sequência de fatos com relação lógica entre eles. Entretanto, os indivíduos com SD exibem uma aquisição da linguagem tardia, principalmente da sintaxe (GUNN, 1985), e os elementos de conexão, como os conectivos, são os

últimos a serem adquiridos no processo de desenvolvimento da linguagem. Assim sendo, o processo narrativo demanda o uso de conectivos que fazem um elo entre duas ou mais orações e estabelecem uma relação entre as palavras (preposição), o que corrobora para o processo lógico de uma narrativa. A aquisição desses conectivos é estimulada por meio da narrativa de uma história, possibilitando que os indivíduos aumentem seu vocabulário linguístico e estabeleçam relações entre os fatos ocorridos na narrativa.

A intervenção através de histórias infantis propiciou o desenvolvimento do discurso narrativo, o que acarreta o melhor desempenho linguístico e oportuniza o uso da linguagem para diferentes contextos. Além disso, a expansão linguística influencia decisivamente a aprendizagem, já que, conforme Vygotsky (1987), não há possibilidade de pensamento fora da linguagem.

Dessa maneira, a estimulação da linguagem, através do seu próprio uso em indivíduos com SD, possibilita a reorganização cerebral com o objetivo de ampliar as possibilidades comunicativas, minimizando, desta forma, as dificuldades linguísticas ocasionadas pela limitação da própria síndrome. A plasticidade cerebral é multidimensional, como processo dinâmico que delimita as relações entre estrutura e função cerebral, como resposta adaptativa, impulsionada por desafios do meio e também como estrutura organizacional intrínseca do cérebro (MUSZKAT; CARDOSO, 2016). A capacidade de transformação e adaptação em resposta às exigências ambientais e internas faz com que exista reorganização e regeneração para uma determinada dificuldade que o sujeito apresente na realização de alguma tarefa externa. Assim, a importância de se oferecer um meio que proporcione desafios e promova a plasticidade cerebral.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou identificar as fases do discurso narrativo em que os sujeitos com SD se encontram e confirmar a hipótese de que as histórias infantis auxiliam no desenvolvimento da linguagem. As narrativas infantis podem oferecer muito mais do que o universo ficcional que desvelam e a importância cultural que carregam como transmissoras de valores sociais (SIMÕES, 2000). Dessa forma, sabemos que a linguagem tem seu desenvolvimento através do seu próprio uso, por isso, as narrativas infantis se mostraram eficazes para o progresso linguístico.

No processo interventivo em que utilizamos as narrativas infantis, podemos observar que os fatores biológicos, cognitivos, educacionais e sociais interagem e interferem de forma positiva no que diz respeito à complexidade do indivíduo com SD. Assim, é necessário refletir acerca da interação entre fatores cognitivos e sociais para pensar programas de estimulação de áreas cognitivas nessa população, que

possui características peculiares e necessita de atendimento especializado. Dessa maneira, esperamos que o presente estudo possa contribuir para programas de intervenção com crianças e jovens com SD, evidenciando que o uso das narrativas, além de influenciar na própria dinâmica do funcionamento da linguagem desses sujeitos, contribui significativamente em nível de sistema nervoso por meio da estimulação contextualizada, favorecendo, assim, a plasticidade neuronal.

Vygotsky (1984) aponta que a criança com deficiência intelectual não é menos desenvolvida que seus coetâneos sem a síndrome, mas sim que ela se desenvolve de outro modo. Destarte, não se deve valorizar o déficit, e sim compreender as necessidades das crianças e adolescentes com SD, estabelecendo metas para sua superação por meio de atividades que estimulam o processamento cognitivo.

REFERÊNCIAS

ANGELINI, A. L. et al. **Matrizes Progressivas Coloridas de Raven: Escala Especial**. Manual. São Paulo: CETEPP, 1999. 67 p.

BEYER, H. O. et al. A Educação inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, n. 22, p. 33-44, 2003.

CAMARGO, Evani Amaral Andreatta. **Era uma vez... o contar estórias em crianças com síndrome de Down**. 1994. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1994.

COUDRY, M. I. H; MORATO, E. M. A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 15, p.117-135, 1988.

CUNNINGHAM, C. **Síndrome de Down: Uma Introdução para pais e cuidadores**. Porto Alegre: Phorte, 2008. 312 p.

FLÓREZ, B. J.; TRONCOSO, V. M. (Eds.). **Síndrome de Down y educación**. 3. reimp. Barcelona: Masson – Salvat Medicina y Santander, 1997. 288 p.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A. **A inter-relação fala, leitura e escrita em duas crianças com síndrome de Down**. 2010. 130f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2010.

GHIRELLO-PIRES, C. S. A. Síndrome de Down e Linguagem: caminhos para a autonomia. In: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, v. 7, n. 1, 2012, Vitória da Conquista, **Anais...** Vitória da Conquista: UESB, 2012.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

GUNN, P. Speech and language. In: LANE, D.; STRATFORD, B. (Orgs.). **Current aproches to Downs syndrome**. London: Penguin Bos, 1985.

HOFFMANN, S. B. **Estereotípias na infância**. Porto Alegre – RS, 1996. Recuperado em 12 de fevereiro de 2017 em <http://www.diversidadeemcena.net/artigo21.htm>.

KOZMA, C. O que é Síndrome de Down. In: STRAY-GUNDERSEN, K. (Org). **Crianças com Síndrome de Down**: guia para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2007. 280 p.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 125 p. [4 volumes].

LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: Edusp/Rio de Janeiro: Livros Tecnicos e Cientificos, 1981. 346 p.

MUSZKAT, M.; CARDOSO, T.S.G. Neuroplasticidade e intervenções precoces. In: SALLES, G. F.; HAASE, V. G.; MALLOY-DINIZ, L. F. (Org). **Neuropsicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência, Porto Alegre: Artmed, 2016. 200 p.

PERRONI, Maria Cecília. **O desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 247 p.

PINTER, J. D. et al. Amygdala and hippocampal volumes in children with Down syndrome: a high-resolution MRI study. **Neurology**, Apr. 10, 56(7): 972-4, 2001.

RODRIGUES, E. C.; ALCHIERI, J. C. Avaliação das características de afetividade em crianças e jovens com síndrome de Down. **PsicoUSF**, Itatiba, v. 14, n. 1, p. 107-116, 2009.

SCARPA, E. M. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-232.

SCHWARTZMAN, J. S. **Síndrome de Down**. São Paulo: Memnon, 2003. 324 p.

SILVA, M. F. M. C.; KLEINHANS, A. C. P. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 12, n. 1, p. 123-138, 2006.

SIMOES, Vera Lucia Blanc. Histórias infantis e aquisição de escrita. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, mar. 2000.

TRONCOSO, V. M.; CERRO, M. M. **Síndrome de Down**: lectura y escritura. Barcelona: Masson, 1999. 368 p.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 212 p.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes: 2010. 224 p.